

Ana Zandwais (org.) – *Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*
Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2005.

João Vianney Cavalcanti Nuto

Marcada por vicissitudes políticas, a obra de Mikhail Bakhtin vem sendo conhecida de forma desordenada. Somente após a publicação de obras maduras como o estudo sobre Rabelais é que foram publicados seus primeiros trabalhos. Portanto, só recentemente tivemos condições de acompanhar o desenvolvimento de sua obra. Além disto, em função tanto da censura local quanto do isolamento entre a então União Soviética e os países do bloco capitalista, os estudiosos de Bakhtin foram, durante muito tempo, privados do contexto intelectual soviético que influenciou sua obra.

Essa contextualização é oferecida, em vários ensaios escritos por autores do Leste Europeu, no livro *Mikhail Bakhtin: uma contribuição para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*, organizado por Ana Zandwais. Outros ensaios do livro remetem ao contexto posterior de recepção da obra bakhtiniana, estabelecendo uma comparação entre as teorias de Bakhtin e de estudiosos da análise do discurso como Émile Benveniste e Michel Pêcheux.

Para quem conhece as polêmicas dos autores do Círculo de Bakhtin com os formalistas russos, são surpreendentes os traços em comum – apesar das orientações opostas – apontados por Serguei Tchougounikov, no ensaio que abre a coletânea. Tchougounikov chama a atenção para as metáforas baseadas em conceitos das ciências naturais, utilizadas tanto por Bakhtin e os autores cujos trabalhos lhe são atribuídos quanto pelos formalistas russos. Segundo Tchougounikov, essas analogias eram comuns em certas linhas das ciências humanas da época na Rússia. Assim é que o autor – sem deixar de verificar as oposições específicas – aponta as concepções científicas que serviram de base para ambas as escolas, das quais destacamos a classificação periódica dos elementos químicos por Dimitri Mendeleiev, a física óptica (mas também a teoria da cores de

Goethe) no conceito de refração, os estudos sobre a reprodução da hidra e do ouriço por Hans Driesch. Para Tchougouonnikov, a teoria fonológica de Jakobson segue as concepções de Driesch. Já o conceito de dialogismo se opõe a Driesch, que é citado por Bakhtin em trabalho assinado por Kanaev. Examinando as concepções de linguagem dos formalistas e dos bakhtinianos, Tchougouonnikov defende que tanto a noção de linguagem poética quanto o dialogismo podem ser vistos como anagramas: no primeiro caso, anagrama de fonemas e outros elementos do sistema lingüístico; no segundo caso, anagrama dos traços ideológicos.

O segundo ensaio, de Mika Lähteenmäki, também remete ao contexto intelectual de Bakhtin. Lähteenmäki relativiza o perfil de Bakhtin como pensador não-oficial, no sentido de estar completamente à margem das correntes lingüísticas dominantes na União Soviética de seu tempo. O autor destaca a influência do lingüista Lev Iakubinskii, que foi professor de Volochinov, um dos mais importantes membros do Círculo de Bakhtin. A principal marca do pensamento de Iakubinskii é a noção de pluralidade das formas lingüísticas. A partir dessa noção, o Círculo de Bakhtin desenvolve o conceito de pluralidade discursiva, associando a multiplicidade dos estilos com as perspectivas ideológicas específicas, atualizadas em enunciados específicos. Além disso, segundo o autor, é a partir dos estudos de Iakubinski sobre o diálogo que Bakhtin elabora a concepção do dialogismo, inerente a qualquer discurso. Para Lähteenmäki, o que obscureceu a relação entre a obra de Bakhtin e seu contexto foi a supressão, nas obras publicadas, de referências presentes nas anotações. É o caso da lingüística de Iakubinskii.

Patrick Seriot considera as recepções divergentes de Bakhtin no Ocidente e na Rússia para discutir o conceito de dialogismo. Seriot questiona se essas divergências se devem à descontinuidade espacial e temporal – e sustenta que houve, ao mesmo tempo, continuidade e ruptura. Para Seriot, o conceito de dialogismo responde à crise do paradigma positivista do fechamento dos objetos, baseado nas ciências da natureza. No que diz respeito à Lingüística, Seriot verifica uma oposição entre os estudos da linguagem em todas as suas manifestações ao estudo da língua em seus aspectos estruturais. Nesse contexto, os trabalhos do Círculo de Bakhtin se opõem a uma visão naturalista, que desconsidera os fatores sociais na formação e evolução das línguas. Ao reconhecerem

a importância do dado social na consciência lingüística, Volochinov e Bakhtin recusam tanto a ênfase na estrutura quanto no falante individual. A teoria de Bakhtin e Volochinov enfatiza a situação de comunicação, em que o espectro dos discursos de outrem está presente em cada enunciado. Reconhecendo a influência de Marx nos dois autores, Seriot observa a originalidade da assimilação do marxismo pelo Círculo de Bakhtin. E questiona se é possível um conhecimento científico do enunciado como singularidade.

O ensaio intitulado “Mikhail Bakhtin, o mecânico e as fronteiras”, de Ekaterina Velmezova, analisa os trabalhos de Bakhtin escritos nos anos 20, com o objetivo de apontar as questões que orientariam o trabalho posterior do pensador russo. A autora verifica uma oposição – corrente na época de Bakhtin – entre a concepção mecanicista e a concepção orgânica dos fenômenos lingüísticos, com a qual se identifica a obra de Bakhtin, por levar em conta o meio social como fator de influência na evolução das línguas. Segundo Velmezova, os ensaios “Arte e responsabilidade” e “O homem e a personagem na atividade estética” consideram a consciência responsável (também no sentido etimológico de algo que responde) como traço unificador da obra artística, o que supera uma visão mecanicista e formal da língua e da arte. Enfim, nessa rejeição ao mecanicismo Velmezova detecta um núcleo de afinidade com a obra de Nicolau Marr – cuja lingüística tinha status de pensamento oficial na União Soviética até os anos 50 –, apesar das grandes divergências entre os dois pensadores.

Ana Zandwais analisa a obra do Círculo de Bakhtin a partir da Filosofia da Práxis marxista, principalmente o materialismo histórico e o materialismo dialético, em dissonância com a aplicação desses conceitos pela política de Stálin. Segundo a autora, a influência da Filosofia da Práxis encontra-se no princípio de que o signo é ideológico. Ao reconhecerem a historicidade, a ideologia e o dialogismo do discurso, os autores do Círculo rejeitam tanto uma concepção do sujeito do discurso como consciência puramente individual como uma visão meramente formal da prática discursiva. Por outro lado, essa assimilação crítica da Filosofia da Práxis pelos bakhtinianos rejeita o projeto de Stálin de uma língua nacional homogênea. Essa discordância foi uma das causas da dificuldade de propagação das idéias de Bakhtin na União Soviética, durante longos anos.

Os ensaios de Frida Indursky, Evandra Grigoletto, Ercília Cazarin e Ivana Guimarães estabelecem um diálogo da obra de Bakhtin com outros contextos. Frida Indursky compara a noção de ideologia em Bakhtin e em Pêcheux, demonstrando que ambas entrelaçam ideologia e linguagem. Mas, segundo a autora, Bakhtin superpõe ideologia e linguagem, enquanto Pêcheux considera o discurso a materialização da ideologia, sem, no entanto, confundir-se com ela. Para Pêcheux, o embate ideológico não se encontra nos enunciados, mas entre os sujeitos, com suas respectivas formações discursivas.

Evandra Grigoletto, com base na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, compara as análises da incorporação do discurso alheio na obra de Volochinov e Bakhtin e na análise do discurso, representada por Pêcheux e Fuchs. Para Grigoletto, a diferença entre as duas abordagens é que em Bakhtin e Volochinov, a apropriação do discurso alheio é consciente e efetiva; já na análise do discurso o sujeito da enunciação tem apenas a ilusão de controle sobre o discurso alheio.

Ercília Cazarin também compara a obra de Bakhtin com a análise do discurso, neste caso, no que diz respeito à questão da heterogeneidade discursiva. Inicialmente, a autora expõe as concepções de Volochinov e Bakhtin sobre a enunciação, o dialogismo e a polifonia, incluindo as críticas desses autores à Lingüística Estrutural e à Estilística. Extrapolando a noção de polifonia como uma forma de construção do romance realizada por Dostoiévski – como é apresentada por Bakhtin –, a autora insere a polifonia em um âmbito mais amplo, como uma forma de descentralização do sujeito. Essas visões são confrontadas com a noção de heterogeneidade discursiva por Pêcheux e Authier-Revuz, observando-se que, para esses autores, o discurso não se origina, primordialmente, do sujeito, mas da formação discursiva com a qual o sujeito se identifica. Ercília Cazarin ilustra esse confronto de teorias com a análise de um discurso do presidente Lula.

Finalmente, no ensaio “O dialogismo: uma perspectiva marxista da linguagem”, Ivana Cunha Guimarães chama a atenção para as críticas do Círculo de Bakhtin às teorias de Marr e Saussure – e confronta as idéias de Bakhtin com as de Émile Benveniste, no que se refere à concepção do sujeito da enunciação: pura individualidade, em Benveniste; consciência refratada pelos discursos de outrem, em

Bakhtin. No entanto, a autora não explicita, no seu ensaio, a relação com a teoria marxista, indicada no título. Limita-se a tomar, como referência, a obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, assinada por Volochinov.

O livro *Mikhail Bakhtin: uma contribuição para a filosofia da linguagem e estudos discursivos* traz uma valiosa contribuição para a compreensão de Bakhtin, por inserir a sua filosofia da linguagem em um contexto intelectual ainda mal conhecido entre nós, o que nos permite perceber melhor continuidades e rupturas na obra do pensador. Além disto, o confronto entre Bakhtin e teóricos da análise do discurso realça a riqueza e atualidade de sua obra.

Hamilton Vaz Pereira (org.) – *Trate-me Leão*

Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

André Luís Gomes

Marco do teatro brasileiro na década de 70, o grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone inovou a cena brasileira. Para aqueles que não puderam estar na platéia dos teatros para assisti-lo, a publicação de *Trate-me Leão*, organizado por Hamilton Vaz Pereira, é uma excelente oportunidade para saber dos anseios, dos medos, das buscas daquela geração.

Trate-me Leão é uma edição comemorativa dos 30 anos do grupo. Pode e deve ser lida junto a uma outra publicação lançada pela Editora Aeroplano: *Asdrúbal trouxe o trombone: memórias de uma trupe solitária de comediantes que abalou os anos 70*, de Heloisa Buarque de Hollanda.

Estas publicações se complementam: *Trate-me Leão* traz a peça teatral e algumas fotos, todas em preto e branco. No livro de Heloisa Buarque de Hollanda há o que falta em termos visuais para construir com mais nitidez a originalidade e criatividade do grupo: fotos, desenhos, manuscritos e até um DVD, ou seja, um “doculivro”, como a autora quer considerá-lo, pois reúne entrevistas e muitos elementos para balizar o que representou o espalhafatoso grupo para o panorama teatral brasileiro e o quanto ele ecoou e tem ecoado na mídia televisiva, em grupos musicais, como a Blitz e em programas humorísticos como o *TV Pirata*, *Brasil Legal* e *Os Normais*.